



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13382 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT22 - Educação Ambiental

REFLEXÕES PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL MAIS SENSÍVEL

Anna Carolina Espósito Sanchez - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Ana Maria de Sena - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Valeria Ghislotti Iared - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES/PROEX

REFLEXÕES PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL MAIS SENSÍVEL

RESUMO

O presente trabalho debate as reflexões conjuntas de duas pesquisa(dora)s de mestrado em diferentes contextos, porém, imbrincadas no mesmo referencial ontológico~epistemológico~metodológico da ecofenomenologia e das epistemologias ecológicas. As pesquisas em foco são brevemente apresentadas e, a partir disso, são discutidas as relações de afetividade como potências mobilizadoras do engajamento, imersão e correspondência no mundo mais-que-humano.

Palavras-chave: Ecofenomenologia; Epistemologias ecológicas; Mundo mais-que-humano.

INTRODUÇÃO

Neste breve ensaio apresentaremos discussões sobre dois projetos de pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvidos com base em um mesmo referencial ontológico~epistemológico~metodológico ^[1], mas com diferentes contextos e objetivos.

Apoiamo-nos nos referenciais teóricos da ecofenomenologia, que consiste em um movimento filosófico que nasce do encontro das reflexões sobre as fenomenologias, filosofias, e a ecologia, transcendendo as ideias fenomenológicas de Heidegger, Husserl e Merleau-Ponty e que vem sendo apropriado pela educação ambiental (GOMES; SILVA; IARED, 2020). A partir desse movimento, o ser humano passa a ser visto de maneira descentralizada, causando uma ruptura ontológica e abrindo espaço para novas discussões sobre as relações que estabelecemos com a natureza indo ao encontro do que Steil e Carvalho (2014) chamam de epistemologias ecológicas.

O conceito, proposto por Steil e Carvalho (2014), contempla indagações que vêm sendo abordadas nos estudos que investigam as posturas que estabelecemos com o ambiente e como o próprio ambiente produz nossos modos de ser e estar no mundo. Assim, os autores que podem ser agrupados dentro das epistemologias ecológicas abrangem diferentes disciplinas que dão primazia para uma ontologia simétrica entre os humanos e mundo mais-que-humanos, compreendendo que nada existe isoladamente, desta forma, todos os seres e coisas fazem parte da nossa coexistência (INGOLD, 2020).

PESQUISAS EM FOCO

O primeiro estudo busca investigar como as afetividades mobilizam e são mobilizadas pelas lideranças ambientais em escolas estaduais do Paraná. O projeto está em andamento, em fase de construção da revisão de literatura e primeiro contato com escolas convidadas. Coerente aos referenciais escolhidos, optou-se pela metodologia da etnografia sensorial de Sarah Pink (2009), pois permite investigar as possibilidades oferecidas pelos sentidos na pesquisa. Entende-se que a partir das multissensorialidades, é possível investigar o fluxo de afetos das lideranças ambientais nas escolas.

O segundo estudo tem como objetivo investigar como o mundo mais-que-humano vem sendo abordados nos livros didáticos pertencentes ao Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2021. As obras didáticas que serão analisadas foram selecionadas de acordo com o que a Secretaria da Educação e do Esporte (SEED) adotou do PNLD de 2021 para ser trabalhado nas escolas públicas do estado do Paraná, durante os anos de 2022 a 2025. Contudo, optou-se em limitar a análise em somente as obras direcionadas para o ensino médio, referente a versão do PNLD atualizada de acordo com a última versão da BNCC e seguindo a organização dos materiais didáticos em áreas do conhecimento, de acordo com o novo ensino médio.

AS PESQUISAS SOB O OLHAR ECOFENOMENOLOGICO

O cenário da educação ambiental, historicamente, foi construído através da participação social, reforçando a importância da atuação política da/na escola. Compreendidas

como espaços sociais, as escolas estão imersas em afetividades, que não se restringem apenas a agência humana, mas extravasam para uma atmosfera afetiva que é capaz de mobilizar, paralisar ou moldar políticas públicas educacionais (MCKENZIE, 2017; PITTON; MCKENZIE, 2020).

Estudos tem demonstrado a importância das camadas mega/macro/meso/micro de formulação, implementação e de nível experiencial nas políticas públicas em educação ambiental, sugerindo que cada nível de envolvimento na política tem seus próprios efeitos sobre as percepções e efeitos da política (PAYNE, 2022; MCKENZIE; AIKENS, 2020). Assim, entende-se que a formalidade das organizações a nível macro não implicam que os atores respondam a ela como o planejado, visto que as pessoas se organizam, informalmente, favorável ou não aos interesses das organizações, conforme seus hábitos, valores e crenças (SOUZA, 2012). Interpretando a escola como um espaço social e cultural, marcado pelas disputas de poder, ao buscar as relações de afetividade na atuação política nas escolas, é possível conhecer o processo de “tornar-se” da política a nível micro.

O afeto é mediado e circulado, não necessariamente consiste em um produto, e pode estar ligado as relações, ações, sensações, ideias e ambições dos indivíduos, assim, ele molda e orienta as relações sociais e culturais, podendo afetar e ser afetado por essas mediações (MCKENZIE, 2017). O *sensemaking afetivo*, discutido pela autora, é a atribuição de significados à medida que sentimos e percebemos o mundo.

Na noção de afeto discorremos sobre convergências nos dois campos de estudo. Conforme Haraway (2011), partindo das percepções que surgem a partir das relações interespecíficas, discute-se a emergente necessidade de abordagens práticas e políticas que rearticulem as relações estabelecidas entre o ser humano e o mundo mais-que-humano, com uma perspectiva multiespécies.

Em uma pesquisa com livros didáticos, Fermiano (2018) discute que a maneira como os não-humanos são apresentados e as problemáticas que envolvem esse assunto estão diretamente relacionadas com a cultura moderna dominante da sociedade que reflete na educação, por meio da qual, somos ensinados a ver os animais como objeto de prazer, de consumo ou de repulsa.

Para que essa concepção do mundo mais-que-humano seja repensada, retomamos as epistemologias ecológicas e o convite para uma desconstrução do conhecimento moderno e hegemônico (STEIL; CARVALHO, 2014). Diante das diversidades culturais e naturais presentes no nosso cotidiano, o ponto de vista do ser humano não deve ser o único levado em consideração. A abordagem de uma simetria ontológica torna imprescindível considerar a perspectiva dos outros organismos não humanos e das outras coisas que também habitam o mundo.

Haraway (2016) discute a maneira como o capitalismo não é apenas um sistema econômico, mas também uma forma de organizar a natureza, portanto, termos como o

Capitaloceno e o Antropoceno não são apropriados para descreverem a era a qual nos encontramos. Para autora, esses conceitos apontam o ser humano como fonte, fim e, ao mesmo tempo, única solução para os problemas sociais e ambientais enfrentados pela sociedade contemporânea. Ela sugere o termo *Chthuloceno*, partindo da ideia de compromisso colaborativo entre os seres humanos e os demais “terramos”, em um olhar tentacular sobre o espaço-tempo entre o passado, presente e futuro que está por vir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Barad (2007), a ética não significa uma resposta correta a um outro que é radicalmente exterior/izado, mas sim uma postura de responsabilidade e prestação de contas pelas relações de devir das quais somos parte. Assim, argumentamos que o mundo não está tão devastado se considerarmos os afetos. As afetividades são potentes mobilizadoras na construção de outros mundos, em direção a virada ontológica.

REFERÊNCIAS

BARAD, K. **Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning**. Durham: Duke University Press, 2007, pp. 377, 393.

FERMIANO, M. C. G. **Os animais não humanos no ensino de ciências e biologia: Uma abordagem a partir do paradigma ecológico e biocêntrico**. Orientador: Carlos Renato Carola. 2018. 126 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2018.

GOMES, H. A; SILVA, C. T; IARED, V. G. Afetividade, emoção e a experiência estética na pesquisa em educação ambiental. In: BRITO, G. S (Org.). **Cultura, escola e processos formativos em educação: percursos metodológicos e significados**. Rio de Janeiro: Business Graphics, 2020, p. 244.

HARAWAY, D. A partilha do sofrimento: Relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 27-64. 2011.

_____. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthulucene: fazendo parentes. **Humanidades Ambientais. Clima com Cultura Científica**, ano3, n. 5, p. 139-146, 2016.

INGOLD, T. **Correspondences**. Polity Press. 1º Ed, p. 180. Medford, EUA. 2020.

MCKENZIE, M. Affect theory and policy mobility: challenges and possibilities for critical policy research. **Critical Studies In Education**, [S.L.], v. 58, n. 2, p. 187-204, 2017.

MCKENZIE, M.; AIKENS, K. Global education policy mobilities and subnational policy

practice. **Globalisation, Societies And Education**, [S.L.], v. 19, n. 3, p. 311-325, 2020.

PAYNE, P. Tbilisi's "Sounds Of Silence"—(In)action in the policy ≠ embodiments of environmental education. **The Journal of environmental education**. Ahead of print, 2022.

PINK, S. Situating Sensory Ethnography: from academia to intervention. In.:_____. **Doing Sensory Ethnography**. London, UK: SAGE, 2009, p. 7-22.

PITTON, V. O.; MCKENZIE, M. What moves us also moves policy: the role of affect in mobilizing education policy on sustainability. **Journal Of Education Policy**, [S.L.], p. 1-21, 2020.

SOUZA, A. R. A natureza política da gestão escolar e as disputas pelo poder na escola. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v.17, n.49, 2012.

STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. de M. Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito. **Mana**, [S.L.], v. 20, n. 1, p. 163-183, 2014.

[1] O uso do til indica a indissociabilidade das dimensões.